

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Maria Eduarda da Silva

Infância, criança, escola e brincadeira: primeiras aproximações

**Março
2017**

Maria Eduarda da Silva

Infância, criança, escola e brincadeira: primeiras aproximações

Trabalho de Conclusão de
Curso de Pedagogia da
Universidade Federal de
Santa Catarina – UFSC,
realizado sob orientação do
Prof^a. Dr^a. Jucirema
Quinteiro e coorientação da
Profa. Ma. Maria Eliza
Chierighini Pimentel.

Março
2017

Maria Eduarda da Silva

Infância, criança, escola e brincadeira: primeiras aproximações

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e aprovado em sua forma obtendo nota 6,0.

Florianópolis, 30 de Março de 2017.

Prof^a. Patrícia Laura Torriglia
Coordenadora do Curso
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Dr^a. Jucirema Quinteiro
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Ma. Maria Eliza Chierighini Pimentel
Coorientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Banca Examinadora:

Prof^a. Ma. Letícia Cunha da Silva
GEPIEE-UFSC

Profa^a, Ma. Maria Raquel Barreto Pinto
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Ma. Carolina Shimomura Spinelli
Universidade Federal de Santa Catarina

Agradecimentos

A esta universidade UFSC, seu corpo docente, direção, administração, professores, todos que ajudaram e participaram em meu envolvimento durante esta jornada de universitária.

Agradeço a todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. Especialmente a minha orientadora Jucirema Quintero e minha coorientadora Maria Eliza Pimentel, que me orientou em todo o processo de conclusão deste presente TCC.

Aos meus pais Sonia e Jairto, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Meus agradecimentos aos amigos, especialmente a Maria Eduarda Klen amizade que evoluiu e está presente em cada momento deste trabalho.

Enfim, quero agradecer a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo problematizar a importância do brincar na infância, compreendendo a brincadeira como um modo próprio da criança se comunicar com o mundo, capaz de promover sua aprendizagem e seu desenvolvimento, a partir de algumas leituras e estudos de autores como Miranda (1983), Mello (2007), Vygotsky (1982) e Benjamin (2002). Deste modo, algumas questões orientaram este trabalho como: O que é infância? O que é a brincadeira? Qual a importância do brincar? Qual a importância da brincadeira na infância? Qual a importância da brincadeira no processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criança? Qual a importância da brincadeira na escola? O conjunto dessas leituras e estudos evidenciou, inicialmente, as fragilidades de minha formação e a necessidade da formação continuada, ao mesmo tempo em que possibilitou compreender como pensar a relação entre criança, infância, escola e brincadeira no contexto escolar trata-se de um tema complexo. Defender a importância do brincar na Educação Infantil e no Ensino Fundamental parece ser um desafio e um compromisso dos professores com a infância.

Palavras-chave: Brincar; Brincadeira; Escola; Criança; Infância.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	13
1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	16
2- CRIANÇA, INFÂNCIA, ESCOLA E BRINCADEIRA.....	21
2.1 - O BRINCAR E O BRINQUEDO: ASPECTOS HISTÓRICOS...30	
3 - A BRINCADEIRA E A SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....	35
4- A ESCOLA E A PARTICIPAÇÃO DO PROFESSOR NA BRINCADEIRA.....	43
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo problematizar a importância do brincar na infância, compreendendo a brincadeira como um modo próprio da criança se comunicar com o mundo, capaz de promover sua aprendizagem e seu desenvolvimento, a partir de algumas leituras e estudos de autores como Miranda (1985), Mello (2007), Vygotsky (1982) e Benjamin (2002).

Cabe destacar que o que me mobilizou a escrever sobre este tema é anterior ao meu ingresso no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pois pensar em infância, criança e brincadeira no interior da escola sempre foi um desafio, especialmente, quando participei de um movimento voluntariado em 2011, na Instituição Meio do Candário, no município de São José - SC.

Nesta instituição atuei como voluntária, praticamente exercendo a função de auxiliar de sala, de um grupo 3, em uma sala com doze criança entre 2 e 3 anos, juntamente com a professora regente e mais uma segunda professora. Esta atuação consistia em torno de seis horas por dia, três vezes por semana, no horário vespertino das 13h00min às 19h00min. Durante as tardes realizava observações das atividades e das rotinas exercidas naquele local. Interagia com as crianças e quando solicitada fazia parte das atividades e brincadeiras que ocorriam em sala. No entanto, embora exercendo um papel ainda muito “tímido”, cada dia de observação era um aprendizado.

Assim, ainda neste período, percebi que alguns temas desse contexto escolar me provocavam a pensar, como a imaginação, as brincadeiras, os gestos das crianças e as relações que estabeleciam com seus pares e com os adultos, pois muitas vezes as brincadeiras reproduziam falas dos pais, tios, irmãos e até mesmo dos professores.

Após o término do voluntariado, com o ingresso como estudante de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e com o acesso a diferentes leituras e produções teóricas, surgiram novos questionamentos tais como: O que é infância? O que é a brincadeira? Qual a importância do brincar? Qual a importância da brincadeira na infância? Qual a importância da brincadeira no processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criança? Qual a importância da brincadeira na escola?

No decorrer da trajetória acadêmica outras questões foram surgindo, se complexificando e, atualmente, ao trabalhar como

professora substituta de Educação Especial na Educação Infantil na rede de São José, percebo que os desafios da profissão de professor são muitos e a necessidade de estudo é constate. Além disso, como professora em uma grupo 5, numa sala de 17 crianças entre 4 e 5 anos, percebo que por meio da brincadeira é possível compreender a criança e interpretar seus atos, pois quando observamos a criança brincando podemos ver que não é apenas um passatempo, mas também um modo de se comunicar com o adulto e com as outras crianças.

A brincadeira é uma linguagem constitutiva da criança e é importante que esteja presente na escola desde a Educação Infantil. Neste sentido, diferentes estudos indicam que a criança desenvolve-se sob determinadas condições histórico-culturais e desde muito pequena estabelece relações com o mundo que a cerca. Assim, é

[...] capaz de explorar os espaços e os objetos que encontra ao seu redor, de estabelecer relações com pessoas, de elaborar explicações sobre fatos e fenômenos que vivencia. [...] as crianças pequenas possuem muito mais possibilidades psíquicas do que se supunha até pouco tempo atrás e que, em condições favoráveis de vida e educação, assimilam conhecimentos, dominam procedimentos mentais, desenvolvem intensamente diferentes capacidades práticas, intelectuais, artísticas, e formam as primeiras ideias, sentimentos e qualidades morais. (MELLO, 2007, p. 90).

Desta forma, Pimentel (2014, p. 29) considera que:

a infância não deve ser compreendida como preparação para a vida adulta, mas “[...] o tempo em que a criança deve se introduzir na riqueza da cultura humana histórica e socialmente criada, reproduzindo para si qualidades especificamente humanas” (MELO, 2007, p. 90). A creche, a pré-escola e a escola constituem-se espaços e tempos privilegiados da infância na atualidade, pois se podem intencionalmente organizar as condições adequadas para garantir a

máxima apropriação das qualidades humanas pelas novas gerações (QUINTEIRO; CARVALHO, 2012).

Neste sentido, a criança ao brincar apropria-se de elementos da realidade e na brincadeira os mesmos geram novos significados, por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade.

Outro autor que contribui para pensar o processo de educação das crianças e o modo de viver a infância é o estudioso Walter Benjamin que critica a forma com que a educação burguesa limitava seus alunos, defendendo uma educação mais criativa, pois o autor encontra nas crianças formas inspiradoras de entender o mundo em que vive.

Benjamin escreveu diversos textos relacionados à brincadeira e sobre o brinquedo. Para este autor, “não há dúvidas que o brincar significa sempre libertação. Rodeados por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio.” (BENJAMIN, 2002, p.85).

De acordo com Benjamin (2002) as crianças eram vistas como pequenos adultos e não havia o reconhecimento da infância como uma fase diferenciada. Ao brincar a criança produz importantes significados aprendendo a conciliar a brincadeira de forma afetiva, desenvolvendo sua capacidade de raciocínio, de se relacionar com os demais e de argumentar.

Ao brincar, a criança aprende a respeitar as regras do jogo e aprende também a respeitar os demais que estão na brincadeira. Para a criança a repetição faz parte de sua infância, pois ela repete inclusive o que vê o adulto fazendo em seu dia-a-dia. A partir disso ela passa a repetir seus atos através de suas brincadeiras sempre em uma nova perspectiva. “A essência do brincar não é um fazer como se, mas um fazer sempre de novo, transformação da experiência mais comovente em hábito.” (BENJAMIN, 2002, p.102).

Ao nascer incorporamos hábitos tais como: dormir, comer, vestir-se, entre outros. As crianças algumas vezes tornam esses hábitos uma brincadeira. “O hábito entra na vida como brincadeira, e nele, mesmo em sua forma mais enrijecida, sobrevive até o final um restinho da brincadeira (BENJAMIN, 2002, p.102).”

As crianças colocam suas fantasias em prática através da brincadeira. A representação é importante para o desenvolvimento da criança porque ao brincar a criança representa as experiências vividas

pelos adultos. É brincando que a criança aprende que quando a brincadeira acaba o mundo continua da mesma forma.

Por meio da brincadeira as crianças aprendem a respeitar umas às outras, o convívio entre os demais é importante na vida social. Ao brincar a criança vive a sua fantasia, usando sua imaginação e despertando o desejo pela leitura e pela escrita. Quando a criança se apropria da leitura e da escrita, é capaz de fantasiar as aventuras descritas nos livros, se encantar com as ilustrações, misturando-se assim com os personagens de uma forma mais intensa do que o adulto.

Neste sentido, este trabalho tem como objetivo compreender a importância do brincar como uma atividade necessária para o desenvolvimento da criança no contexto escolar, reconhecendo a infância como uma categoria da modernidade. Ao mesmo tempo, busca-se ainda problematizar, a partir de alguns autores como Walter Benjamin, a relação entre brincadeira e brinquedo, e o modo como as produções dos adultos para as crianças tem sofrido mudanças com o passar dos tempos.

1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Como sinalizado anteriormente, o que me mobilizou a escrever sobre este tema é anterior ao meu ingresso no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Temas e conceitos como infância, criança e brincadeira no interior da escola sempre foram um desafio, especialmente, quando participei de um movimento voluntariado em 2011, na Instituição Meio do Candário, no município de São José – SC, quando atuei como voluntária, praticamente exercendo a função de auxiliar de sala, de um grupo 3, em uma sala com doze criança entre 2 e 3 anos, juntamente com a professora regente e mais uma segunda professora.

Desta experiência emergiram algumas questões como: Qual a importância da brincadeira? O que a brincadeira proporciona para uma criança? A importância da brincadeira na escola? Entre outros questionamentos que apresento no interior deste trabalho.

Após o ingresso como estudante do curso de Pedagogia da UFSC, as questões iniciais tornaram-se ainda mais complexas, pois foi necessário realizar leituras e estudos sobre tais temas, surgindo novas e outras questões. Além disso, era preciso realizar um estudo mais

aprofundado para compreender as bases históricas, filosóficas e políticas das relações existentes entre educação, infância e escola.

Assim, durante o percurso como estudante, ao cursar a disciplina Teorias da Educação na terceira fase, ministrada pela professora Franciele Bete Petry, mais uma vez outras questões sugeriram e o tema do brincar mobilizou-me ainda mais a estudar e escrever. Como resultado deste movimento de leituras e estudos, produzi um pequeno artigo problematizando a importância da brincadeira, tendo como referência a obra Reflexões: a criança, o brincar, a educação (1984), do autor Walter Benjamin.

Com a aproximação do término do curso de Pedagogia, na oitava fase, na disciplina de Pesquisa em Educação III, ministrada pelo professor Jéferson Silveira Dantas foi necessário definir um tema para estudo e pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso.

Resolvi dar continuidade as minhas inquietações iniciais e defini como tema do pré-projeto “Brincadeira, infância e criança com base nas obras de Benjamin”. Este pré-projeto teve três versões para chegar na entrega final todas corrigidas pelo professor Jeferson.

Ao chegar à nona fase, para iniciar o TCC na disciplina - Trabalho de Conclusão de Curso, conhecemos os professores disponíveis para atuarem como orientadores nos diferentes temas eleitos pelos estudantes. Como havia elegido a brincadeira como tema central do meu trabalho fui indicada para ser orientada pelo professor Alexandre Fernandez Vaz. Contudo, na mesma sala outra estudante seria orientada pelo mesmo professor que não poderia assumir o compromisso de orientar mais de um trabalho, pois realizaria um estudo de pós-doutoramento no exterior no mesmo período.

Assim, a professora Patrícia Torriglia comprometeu-se em me auxiliar a localizar outro professor que pudesse me orientar e, enquanto esta questão não se definia, optei por iniciar a escrita do TCC tendo como referência o pré-projeto.

Sem orientação procedi com a escrita do texto intitulado “Brincadeira, infância e criança com base nas obras de Benjamin”. Tendo como tema central a brincadeira, busquei o autor Benjamin como referência para esse exercício de estudo e escrita, bem como as observações do período de voluntária que me mobilizavam a pensar sobre muitas questões.

Com o passar do tempo, entre leituras, estudos, preocupações pessoais e trabalho, esqueci-me de ir à busca do orientador. Com o

término da escrita e com a aproximação das datas de defesas dos TCCs, recebi a notícia que não era possível realizar a defesa de meu trabalho, pois não sabia que não poderia realizar a defesa do trabalho sem ter um orientador oficialmente registrado, necessitando refazer novamente a disciplina.

Deste modo, fui orientada pela professora Patrícia Torriglia a procurar a professora Jucirema Quinteiro, explicar minha situação e verificar sua disponibilidade em aceitar orientar meu trabalho. Após uma leitura previa do trabalho, a professora Jucirema aceitou ser minha orientadora e, em uma reunião de orientação, esclareceu que poderíamos aproveitar parte do que já havia escrito, indicando possibilidades para qualificar o texto.

Ao mesmo tempo, este primeiro encontro de orientação foi fundamental para identificar as fragilidades do trabalho e a necessidade de mais estudos, pois além da precária apropriação de conceitos, inicialmente o título e o tema do trabalho sugeriam um estudo das obras de Benjamim, o que de fato não havia conseguido realizar já que utilizava apenas dois textos desse autor como referência. Além disso, no decorrer do trabalho apresentava um conjunto de outros autores que pesquisavam sobre o tema em questão.

Assim, a professora Jucirema me orientou a ampliar o foco desta pesquisa, buscando novos autores que auxiliassem na compreensão das relações existente entre brincadeira, brinquedo, criança, infância e escola.

Visando contribuir com meu processo de estudo e escrita, a professora Jucirema convidou a professora Maria Eliza C. Pimentel para atuar como co-orientadora deste trabalho, o que foi de fundamental importância.

As professoras realizaram uma leitura do material produzido por mim até o momento e após algumas conversas de orientação, percebi que realizar uma análise das obras do autor Walter Benjamim tratava-se de uma pesquisa bastante complexa, o que demandaria um maior tempo para leituras, estudos, pesquisa e escrita do trabalho. Somado a isso, ficou evidente as fragilidades de minha formação e a necessidade de aprender e estudar conceitos como criança, infância, escola e brincadeira.

Nesse sentido, elegemos alguns textos como referência básica para a escrita deste trabalho:

1. MIRANDA, Marília Gouvêa de. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: LANE, Sílvia; CODO, Wanderley (orgs.). Psicologia do social: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 125-135.
2. MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 1, jan./jun. 2007. Dossiê Infância, Educação e Escola.
3. BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. 5. ed. São Paulo: Summus, 1984.
4. VYGOTSKI, L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*. Tradução: Zoia Prestes. Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social (Programa de Engenharia de Produção da Coppe/UFRJ). p. 23-36, junho de 2008.
5. PIMENTEL, Maria Eliza Chierighini. O “direito a infância na escola”: o estágio docente como campo de pesquisa. 2014. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

Assim, a partir da indicação e seleção de referências sobre o tema eleito para estudo e pesquisa, procedeu-se com a leitura e fichamento dos textos.¹ Como orientação de leitura, realizou-se a seleção de alguns excertos que pudessem contribuir com a reflexão sobre o objeto de pesquisa e, posteriormente, com o período mais especificamente da escrita.

Após a leitura e estudo destes autores, iniciei o processo de reorganização do texto. No entanto, durante este período de produção da escrita enfrentei algumas dificuldades, pois foi um momento de bastante mudança em minha vida pessoal. Cabe sinalizar que o meu percurso como estudante e ao mesmo tempo mãe e trabalhadora, por vezes, não

¹ Importante esclarecer que o texto “A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança” (VYGOTSKI) apresenta conceitos e conteúdos complexos, o que requer mais estudos e dedicação para compreender e me apropriar daquilo que o autor explicita, por isso essa referência foi sugerida como uma possibilidade para continuidade das leituras após a finalização deste trabalho.

permitiu uma maior dedicação a atividade de estudo e, conseqüentemente, um maior tempo para a atividade de escrita. Entretanto, mesmo reconhecendo as possíveis lacunas deste texto, considero um ponto de partida para outros possíveis estudos e aperfeiçoamentos durante a trajetória profissional.

Por fim, o texto aqui apresentado está estruturado da seguinte forma:

Capítulo 2, intitulado *Criança, infância, escola e brincadeira*, apresenta as bases teóricas deste trabalho e seus conceitos principais. Tendo como referência alguns estudos e autores da Teoria Histórico-Cultural, busca-se compreender que cada criança aprende a ser um ser humano.

Capítulo 3, *O brincar e o brinquedo: aspectos históricos* procura apresentar uma breve síntese sobre como surgiu o brinquedo e a importância que este artefato tem na infância e durante a brincadeira.

Capítulo 4, *A brincadeira e a sua importância no processo de desenvolvimento da criança*, apresenta a importância da brincadeira no desenvolvimento infantil e problematiza o modo como a escola garante ou não tempos e espaços para esta atividade.

Capítulo 5, *A escola e a participação do professor na brincadeira*, tem como foco pensar não apenas a importância na brincadeira no espaço escolar, mas principalmente a mediação que o sujeito professor realiza junto às crianças na brincadeira, bem como que lugar ocupa esta atividade em seu planejamento e organização diária.

Por fim, nas Considerações Finais busca-se explicitar os limites e as possibilidades deste trabalho, bem como a importância do estudo deste tema para meu processo formativo.

2- CRIANÇA, INFÂNCIA, ESCOLA E BRINCADEIRA²

A ideia de infância, tal qual a concebemos hoje, surge simultaneamente ao sentimento de família e ao desenvolvimento da educação escolar. (ARIÈS, 1981). Até o início da sociedade industrial, a duração da infância limitava-se a um curto período de tempo em que a criança necessitava de cuidados físicos para a sua sobrevivência, pois, tão logo esse desenvolvimento estivesse assegurado, a criança “[...] ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes” (ARIÈS, 1981, p. 156).

Entre o século V e o século XV, a sociedade era organizada e controlada segundo a ordem do Império e da Igreja. Para o homem, formado pelos preceitos da Igreja, a criança nada mais era que o membro de uma linhagem e a família, ampla e dispersa, não representava núcleo de afetos (CAMBI, 1999). Dentro deste contexto, pode-se afirmar que o mundo moderno se estruturou em torno dos processos de civilização, racionalização e institucionalização da vida social (PIMENTEL, 2014).

No fim do século XVII, a aprendizagem social vai deixando de se realizar através do convívio direto com os adultos, sendo substituída pela educação escolar. Os pais passaram a enviar seus filhos à escola. (ARIÈS, 1981, p. 277). Segundo Cambi (1999), um espaço social para a criança e um saber sobre a infância que nasce em virtude dos cuidados familiares. Somado a isso, surge a necessidade de educar os filhos em escolas e prepará-los para a vida.

De acordo com Miranda (1985), estes fatos históricos nos permitem compreender como a ideia moderna da infância foi determinada socialmente pela organização social

Assim, a criança, que na sociedade medieval convivia com os adultos em todos os momentos, é afastada deste convívio. Com isto, perdeu a possibilidade

² Este capítulo é uma síntese da leitura realizada da dissertação: PIMENTEL, Maria Eliza Chierighini. O “direito a infância na escola”: o estágio docente como campo de pesquisa. 2014. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

de opinar sobre decisões que lhe diziam respeito, foi excluída do processo de produção, as festas e jogos foram diferenciados, restando a criança a condição de mera consumidora de bens e ideias produzidos exclusivamente pelos adultos. (CHARLOT, 1971, p. 111).

Charlot (1971) define a imagem moderna da criança como um ser: inocente e má. Estas fases são explicadas através de sua natureza infantil. A criança não tem condições de sobreviver sozinha neste caso ela se torna naturalmente inocente e naturalmente mau. A criança se torna um reflexo do que o adulto e a sociedade querem que ela se torne, pois para Charlot a ideia de infância tende a ser uma representação dos adultos e da sociedade, sendo assim a criança internaliza estes modelos e acaba tornando sua realidade.

Independentemente de sua origem social a criança passa por um processo de maturação biológica e que necessita dos cuidados dos adultos. Esta mediação depende da condição social da criança, pois na sociedade capitalista a origem da criança determina uma condição específica de infância. Neste caso existe uma condição de ser criança determinada por fatores que vai do biológico ao social.

Segundo Quinteiro (2000), é preciso:

[...] se compreender o conceito de infância não a partir do estudo da criança, mas a partir da sua condição social, numa perspectiva histórica permitindo entender a infância como construção cultural que expressa o modo pelo qual as diferentes sociedades organizam e reproduzem suas condições materiais e não materiais de vida e de existência. (QUINTEIRO, 2000, p. 26).

Neste contexto, na Modernidade a escola assumiu um papel de fundamental importância. A criança passava a ser, agora, o aluno. O educador não falava mais a um discípulo específico; mas dirigia-se a todos os alunos em bloco; em séries; por classes.”(BOTO, 2002, p. 26). A organização e a divisão do tempo produtivo também foram fundamentais nas escolas, e o exame passou a exercer o controle máximo do saber do indivíduo, contribuindo para a nova organização social (PIMENTEL, 2014).

De acordo com Cardoso (2004):

A educação pública era pensada como estratégia para a concretização dos então novos ideais burgueses. A formação de cidadãos e o domínio mais generalizado de saberes eram mesmo uma condição para a consolidação do modo capitalista de produzir e do seu modo de gestão política, a democracia burguesa. (CARDOSO, 2004, p.111)

Conforme a criança foi sendo transformada em aluno e afastada cada vez mais do convívio com os adultos, “[...] tornou-se necessário encontrar um outro mundo em que elas pudessem habitar. Este outro mundo veio a ser conhecido como infância” (POSTMAN, 2012, p. 34).

A escola não é neutra, ela atua como um instrumento de dominação. A escola torna-se instrumento para iniciação da passagem da infância para o estado adulto, compartilhando com a família o fardo da educação em uma relação marcada por complementaridade e concorrência. (PIMENTEL, 2014).

A mediação ocorre no âmbito das relações que produzem o movimento de uma totalidade que se transforma em outra, e conseqüentemente, no âmbito das relações entre diferentes fenômenos que consistem manifestações desta tonalidade.

De acordo com Miranda (1985):

A escola tem três tarefas básicas a desempenhar a favor dos interesses das classes populares. Primeiramente, deverá facilitar a apropriação e valorização das características socioculturais próprias das classes populares. Em segundo lugar, é como consequência da primeira, a escola deverá garantir a aprendizagem de certos conteúdos essenciais da chamada cultura básica. Finalmente, deverá propor a síntese entre os passos anterior, possibilitando a crítica dos conteúdos propostos pela cultura dominante e a reapropriação do saber que já foi alienado das classes

populares pela dominação. (MIRANDA, 1983, p. 54-55).

Convém lembrar que um conjunto de saberes sobre a criança e a infância foram surgindo e permanecem atualmente. Outra questão importante trata-se da compreensão da educação como um processo de humanização.

De acordo com Mello, compreender o processo de humanização como processo de educação redimensiona, a partir do próprio conceito de educação, o conjunto dos conceitos referentes à prática educativa, além de tornar o processo educativo imensamente mais complexo. Entendendo que o processo de educação é responsável pela apropriação das qualidades humanas por cada ser humano, redimensionamos a compreensão segundo a qual as qualidades humanas seriam dadas *a priori* ou geneticamente, o que retirava importância do processo educativo, uma vez que essas qualidades dadas no nascimento definiam as possibilidades de desenvolvimento individual, relegando à educação um papel secundário nesse desenvolvimento. Na perspectiva histórico-cultural, é responsabilidade do processo educativo organizar intencionalmente as condições adequadas para proporcionar a máxima apropriação das qualidades humanas pelas novas gerações. Vem daí a compreensão gramsciana de que o papel da educação é formar cada criança para ser um dirigente. (PIMENTEL, 2014, p. 93)

De acordo com Mello (2007, p 86). Marx foi o primeiro a perceber a natureza social e histórica do ser humano, e o primeiro a realizar uma análise teórica dessa sua natureza. De seu ponto de vista, o ser humano se apropria das qualidades humanas ao se apropriar dos objetos da cultura histórica e socialmente criados.

Todas as suas relações com o mundo – ver, ouvir, cheirar, saborear, pensar, observar, sentir, desejar, agir, amar – em suma, todos os órgãos da sua individualidade, como órgãos que são de forma diretamente

comunal, são, em sua ação objetiva (sua ação com relação ao objeto) a apropriação desse objeto, a apropriação da realidade humana. (MARX, 1962, p. 126).

Deste modo é importante ressaltar que estas essas aquisições humanas não se fixam sob a forma de herança biológica ou genética.

As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente *dadas* aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas estão aí apenas *postas*. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, “os órgãos da sua individualidade”, a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através doutros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança *aprende* a atividade adequada. Pela sua função, este processo é, portanto, um processo de *educação*. (LEONTIEV, 1978, p. 272).

Com a Teoria Histórico-Cultural, passamos a compreender que cada criança aprende a ser um ser humano. É preciso se apropriar da experiência humana criada e acumulada ao longo da história da sociedade. De acordo com Mello (2007), as implicações pedagógicas dessa nova concepção de ser humano e de como se dá seu desenvolvimento revolucionam o pensar e o agir educacionais. (PIMENTEL, 2014).

O processo de humanização como processo de educação vira pelo avesso a relação entre desenvolvimento e aprendizagem que aprendemos a pensar com as teorias naturalistas. Ao conceber a educação como um processo de humanização, Mello (2007) considera que:

Esse conceito – de que o ser humano aprende a ser o que é enquanto inteligência ou personalidade e de que a cultura e as

relações com os outros seres humanos constituem a fonte do desenvolvimento da consciência – revoluciona a compreensão do processo de desenvolvimento que tínhamos até agora. Com a Teoria Histórico-Cultural aprendemos a perceber que cada criança aprende a ser um ser humano. O que a natureza lhe provê no nascimento é condição necessária, mas não basta para mover seu desenvolvimento. É preciso se apropriar da experiência humana criada e acumulada ao longo da história da sociedade humana. Apenas na relação social com parceiros mais experientes as novas gerações internalizam e se apropriam das funções psíquicas tipicamente humanas – da fala, do pensamento, do controle sobre a própria vontade, da imaginação, da função simbólica da consciência – e formam e desenvolvem sua inteligência e sua personalidade. Esse processo – denominado processo de humanização – é, portanto, um processo de educação. (MELLO, 2007, p.88)

Mello, (2007, p. 89) indica que, conhecer as condições adequadas para a aprendizagem é condição necessária – ainda que não suficiente – para a organização intencional das condições materiais de vida e educação que permitam a apropriação das máximas qualidades humanas por cada criança na Educação Infantil. Isso envolve a formação dos professores e professoras da infância como intelectuais capazes de, ao compreender o papel essencial do processo educativo no processo de humanização, buscar compreender o processo de aprendizagem para organizar vivências na Educação Infantil que sejam intencionalmente provocadoras da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças pequenas, pois:

A infância é o tempo em que criança deve se introduzir na riqueza da cultura humana histórica e socialmente criada, reproduzindo para si qualidades especificamente humanas. Isso permite

às novas gerações subir nos ombros das gerações anteriores para superá-las no caminho do desenvolvimento tecnológico, científico e do progresso social. (MELLO, 2007, p. 08).

Desse ponto de vista, a luta pela infância – pelo direito há um tempo despreocupado com a produção da sobrevivência – e contra sua abreviação e sua exploração tem sido parte da luta histórica dos homens e mulheres que nos antecederam para melhorar a vida em sociedade (LEONTIEV, 1978).

Neste sentido, a criança de zero a seis anos, o seu mundo vai se tornando mais amplo em sua complexidade. É nessa fase que cabe aos adultos criar as condições adequadas de vida e educação para garantir a máxima apropriação das qualidades humanas.

A atividade principal que guia o desenvolvimento da criança em cada idade está “[...] representada pela comunicação emocional no primeiro ano de vida, atividade de tateio com objetos na 1ª infância e pelo jogo de papéis na idade pré-escolar”. (PIMENTEL, 2014, p. 78).

Mello (2007) ainda indica que:

[...] é o respeito dos adultos às atividades – por assim dizer – típicas das crianças que garante que o processo de transformações evolutivas da atividade infantil tenha um caráter global e significativo. Sendo assim, entendemos que não é pelo ensino didatizado, repartido e simplificado artificialmente pelo adulto que a criança se apropria das qualidades humanas e se desenvolve. (MELLO, 2007, p. 93)

De acordo com Leontiev (1988), o lugar que a criança ocupa nas relações sociais de que participa tem força motivadora em seu desenvolvimento, e esse lugar é condicionado pela concepção de criança e de infância dos adultos, e a concepção de infância como sujeito, e não como objeto do desenvolvimento. (PIMENTEL, 2014).

Neste sentido Pimentel (2014, p. 81) afirma que a criança assume novas responsabilidades ao ingressar na escola, alterando

significativamente o modo como é vista e tratada pelos adultos. Cada idade há uma forma específica na qual a criança se relaciona com o mundo, internalizando novos sentidos e significados ao que vive e vê ao seu redor. Conforme Vygotsky (1996, p. 338), “o desenvolvimento da criança, analisado do ponto de vista das relações da criança com o entorno, do ponto de vista da atividade fundamental em cada etapa, está vinculado estreitamente com a história do desenvolvimento da consciência infantil”. Para o autor, o próprio processo de desenvolvimento consiste essencialmente no surgimento de novas formações em cada idade (VYGOTSKY, 1996, p. 341).

Nos primeiros anos de vida, a principal atividade da criança é a comunicação emocional com os adultos, pois a comunicação se dá pelo olhar e por movimentos corporais. Conforme Vygotsky (1996), o que primeiro caracteriza a consciência da criança é o surgimento da unidade entre as funções sensoriais e motoras.

Na primeira infância, a linguagem representa a linha central de desenvolvimento da criança. Sendo que o andar, a compreensão inicial da linguagem e o despertar da vontade própria são umas das características desta fase.

Já na idade pré-escolar a criança passa a se comunicar com o mundo por meio da brincadeira ou do jogo de papéis sociais.

Segundo este autor, na idade pré-escolar a criança conserva a tendência para a realização imediata de seus desejos, porém surgem tendências irrealizáveis, desejos que não podem ser realizados imediatamente como na primeira infância. (PIMENTEL, 2014, p. 80).

Assim, Vygotsky (2008) explica que:

É disso que surge a brincadeira que deve ser sempre entendida como uma realização imaginária e ilusória de desejos irrealizáveis, diante da pergunta “por que a criança brinca?”. A imaginação é o novo que está ausente na consciência da criança na primeira infância, absolutamente ausente nos animais, e representa uma forma especificamente humana de atividade da consciência; e, como todas as funções da

consciência, forma-se originalmente na ação (VYGOTSKI, 2008, p. 25).

Pimentel (2014, p. 81) sintetiza:

Nesse movimento, a criança estabelece uma relação entre o querer e o poder, elaborando o que pode ou não fazer e encontrando formas de realizar. Além disso, este autor considera que a brincadeira difere de todas as outras atividades, pois nela a criança cria uma situação imaginária, sendo esta a característica principal que faz com que a brincadeira seja brincadeira, e não outra coisa qualquer. A situação imaginária, por sua vez, contém regras que não necessariamente foram estabelecidas anteriormente à brincadeira – como nos jogos com regras, típicos da idade escolar –, mas regras sociais de comportamento. Ao brincar, a criança realiza um grande esforço para obedecer às regras, um verdadeiro exercício de autocontrole que promete garantir a máxima satisfação, mais do que o impulso imediato. Por isso, Vygotski (2008, p.28) afirma que, “[...] na brincadeira, a criança é livre. Mas essa liberdade é ilusória”, pois “[...] qualquer brincadeira com situação imaginária é, ao mesmo tempo, brincadeira com regras e qualquer brincadeira com regras é brincadeira com situação imaginária”. (PIMENTEL, 2014, p.81)

Por fim, cabe considerar que:

Desta forma, os estudos de Vygotski (2008) comprovam que a brincadeira é a atividade principal no desenvolvimento da criança em idade pré-escolar, pois cria uma zona de desenvolvimento iminente e aos poucos constitui a base para o pensamento abstrato, necessário no período escolar.³⁶ É importante destacar que, ao ampliar o grupo de

relações para além do círculo familiar, com o ingresso em um jardim de infância ou em uma pré-escola, a criança passa a estabelecer novos vínculos com sujeitos que frequentam estes espaços, ou seja, a professora e as demais crianças. Esse momento é fundamental para o aprendizado das regras sociais, pois, ao sair da esfera privada, a criança necessita negociar suas vontades, que não mais são saciadas imediatamente, desenvolvendo aos poucos o “espírito de grupo” (LEONTIEV, 2006). Na transição da idade pré-escolar para a etapa subsequente, ocorre um marco na vida da criança ao ingressar na escola e ter suas relações sociais reorganizadas. [...]Assim, a criança assume novas responsabilidades ao ingressar na escola, alterando significativamente o modo como é vista e tratada pelos adultos. (PIMENTEL, 2014, p. 81).

2.1 - O BRINCAR E O BRINQUEDO: ASPECTOS HISTÓRICOS

Pensar a relação entre o brincar e a brincadeira requer compreender a história desse artefato. Para tanto, utilizaremos como ponto de partida as considerações de Walter Benjamin.

O filósofo alemão Walter Benjamin foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão, inspirado por autores marxistas como Georg Lukács e Bertolt Brecht. Conhecedor da língua e da cultura francesa. Suas obras são destinadas para profissionais de todas as áreas. Benjamin viveu uma parte de sua vida na Berlim dos anos 1920, na qual usando sua experiência pode escrever o texto “*Infância em Berlim por volta de 1920*”.

As obras deste autor utilizadas neste trabalho contribuem para pensar a relação do brincar e da infância na Educação Infantil. Walter Benjamin dedicou-se a escrever sobre os brinquedos e as brincadeiras infantis narrando, de certo modo, sua própria história através de registros que datam entre o processo de desenvolvimento industrial e pós-industrial.

Walter Benjamin (1928) afirma que, inicialmente, os brinquedos surgiram como produtos secundários das oficinas de entalhadores de madeira, fundidores de estanho e outras oficinas

manufatureiras, razão que explica o estilo e a beleza das peças mais antigas. Em cumprimento dos estatutos corporativos, as oficinas só podiam fabricar aquilo que competia ao seu ramo, obrigando várias manufaturas a dividirem entre si os trabalhos mais simples, encarecendo grandiosamente a mercadoria.

Os excepcionais relógios da Idade Média tinham também um papel lúdico, com suas figuras e sons musicais. Realejos, piadas e caixas de músicas foram, de certa forma, antepassados de computadores, os autômatos dos séculos XVIII e XIX podem ser tidos como precursores dos brinquedos programados e dos robôs industriais, da mesma forma que a lanterna mágica representou o passo inicial para o cinema.

“O estilo e a beleza das peças mais antigas explicam-se pela circunstância de que o brinquedo representava antigamente um produto secundário das diversas indústrias manufatureiras.” (BENJAMIN, 1984, p.67).

A difusão dos brinquedos, sobretudo os alemães, deu-se em consequência dos avanços da Reforma que obrigaram muitos artistas a trocarem a produção das “obras em grandes formatos” pela fabricação “daquele mundo de coisas minúsculas, que faziam a alegria das crianças nas estantes de brinquedos e dos adultos nas salas de arte e maravilhas”. (BENJAMIN, 1928, p.88)

Com o desenvolvimento de uma sociedade comercial, quase no final da Idade Média, vamos encontrar, de maneira especial na Alemanha, um incremento na comercialização de brinquedos, que anteriormente a este período eram privilégio apenas da nobreza. As feiras começaram a se encher de artigos de marcenaria, de ferragens, de papel que imitavam principalmente a figura humana e pequenos animais. Neste tempo, era muito fácil encontrar confeiteiros que criavam vários tipos de bonecos com açúcar de pão de mel.

Benjamin (1984) afirma que os brinquedos não foram em “seus primórdios invenções dos fabricantes especializados”. Eles nasceram, sobretudo nas oficinas de entalhadores em madeira, fundidores de estanho, entre outros. Antes do século XIX a produção de brinquedos não era função de uma única indústria.

Cabe destacar que o brinquedo acompanhado a evolução do homem, e modificando-se em suas funções e em sua própria forma de constituição. Segundo Kishimoto (1996), o brinquedo surgiu nas organizações filantrópicas e religiosas como peças de adorno das instituições. Completando o sistema de higienização de

estabelecimentos infantis, alguns brinquedos apareciam em cima dos armários, como peças decorativas.

Para Áries (1981), durante muito tempo observou-se também a presença de brinquedos industrializados ou artesanais apenas nos lares de crianças privilegiadas. As condições sociais das crianças ricas estão associadas à utilização de brinquedos industrializados ou artesanais e das crianças pobres, a brinquedos construídos a partir de materiais facilmente disponíveis na natureza, como o barco, por exemplo.

Com base em Benjamin (1984), a partir do século passado, com a revolução industrial, ocorre a grande ruptura: “o brinquedo deixa de ser aquela peça artesanal, minuciosa, e passa ser produzido em escala maior para atender à demanda cada vez maior dos centros urbanos em expansão”. Multiplicando-se assim, rapidamente, virou mercadoria dentro do universo de consumo.

Ainda segundo o autor, na segunda metade do século XIX, percebe-se que os brinquedos, tornam-se maiores e, vão perdendo aos poucos, o elemento discreto, minúsculo e agradável:

Uma emancipação do brinquedo começa a se impor, quanto mais a industrialização avança, mais o brinquedo subtrai-se ao controle da família, tornando-se cada vez mais estranho, não só às crianças, mas também aos pais. (BENJAMIN, 1984, p. 69).

Assim, os estudos de Benjamin indicam que desde as origens o brinquedo sempre foi um objeto criado pelo adulto, que tenta interpretar o universo infantil, para a criança. Segundo o autor, acreditava-se erroneamente que o conteúdo imaginário do brinquedo é que determinava as brincadeiras infantis, quando na verdade quem faz isso é a criança. Sendo o brinquedo um objeto que evidencia a cultura de um povo e refletem o seu período histórico e social, é possível estabelecer um diálogo interativo entre diferentes gerações.

A indústria de brinquedos existe hoje em quase todo o mundo. Fabricam-se trens elétricos, automóveis, aviões, barcos de controle remoto e entre outros aparelhos complexos destinados. A indústria volta-se para a fabricação de artefatos altamente sofisticados, com base na tecnologia eletrônica, como robôs e naves espaciais. O computador tornou-se também um brinquedo, com seus videojogos, que ganharam popularidade mundial a partir da década de 1980.

Outro aspecto que merece destaque trata-se de uma área de produção de brinquedos com fins pedagógicos. Desenhados de acordo com recomendações técnicas precisas, destinam-se ao aprimoramento da função motora e ao desenvolvimento intelectual.

Segundo Benjamin, (1974):

O brinquedo infantil, uma das formas autênticas de expressão da criança, proporciona um entendimento do mundo do adulto e a treina para atividades adultas posteriores. Porém, a função do brinquedo é mais ampla do que somente servir como instrumento de aprendizagem, serve também como um veículo de adaptação da criança ao meio, possibilitando-a resolver suas dificuldades internas em confronto com as exigências exteriores. (BENJAMIN, 1974, p.77).

O brinquedo proporciona o enriquecimento da brincadeira, sendo ao mesmo tempo desafio e motivação. A criança aprecia os objetos do mundo adulto e diante de um brinquedo faz descobertas, análises, experimenta, cria enquanto desenvolve a imaginação e habilidades.

Quando vemos uma criança brincando, sentimo-nos atraídos pelas representações que ela desenvolve. A primeira impressão é de que as cenas se desenvolvam de maneira a não deixar dúvida do significado que os objetos assumem dentro de um contexto. Os papéis, dentro de uma brincadeira são desempenhados de forma clara para a criança. As peças de lego viram casas, caminhões, castelos, fortes apaches. O dominó sai da caixa e entra na brincadeira das cores, dos números, das figuras, as peças de quebra-cabeça são viradas e reviradas para se juntar e formar a figura escondida. As bolinhas de gude rodam, a corda pula, os livros falam. Alguns brinquedos até ficam esquecidos nas prateleiras quando as crianças brincam com seu corpo, com o espaço, com os sons, enfim, com outras crianças.

Para Brougère (apud FANTIN 2000):

O uso do brinquedo é aberto, pois a criança dispõe de um acervo de significados e deve interpretá-los conferindo significados ao brinquedo durante sua brincadeira. Para ele, o brinquedo não condiciona a ação da criança, mas lhes oferece um

determinado suporte que ganhará novos significados através da brincadeira. (apud FANTIN 2000, p.66).

O brinquedo representa certas realidades a representar algo é corresponder a alguma coisa e permitir sua evocação mesmo na ausência. Colocando a criança na presença de reproduções (do cotidiano, da natureza e das construções humanas), um dos objetivos do brinquedo é possibilitar à criança um substituto dos objetos reais para que possa manipulá-lo, resignificando a realidade. (FANTIN, 2000, p.89).

A criança cria, através dos brinquedos e das brincadeiras, vínculos com as outras crianças sejam elas mais novas, mais velhas ou da mesma idade, estes vínculos, mais ou menos fortes, tornam-se a motivação da atividade da criança dentro da brincadeira. A criança não só cria laços afetivos, como também aprende, ensina, ajuda, compete, enfim cresce e se desenvolve nas interações que ocorre entre elas.

3 - A BRINCADEIRA E A SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A brincadeira é um processo de relações entre a criança e o brinquedo e das crianças entre si e com os adultos. O ato de brincar é muito importante para o desenvolvimento integral da criança. Embora aparente fazer apenas o que mais gosta, a criança quando brinca aprende a se subordinar as regras das situações que reconstrói. Essa capacidade de sujeição às regras, imposta pela situação imaginada é uma das características da brincadeira.

Nas brincadeiras a criança tem oportunidade de desenvolver diferentes papéis, o que possibilita a compreensão mais efetiva sobre as interações existentes entre os sujeitos. Além disso, através da brincadeira a sociabilidade é desenvolvida, pois a criança aprende a ganhar ou perder e passa a compreender a importância das regras.

Segundo Benjamin, (1974) a brincadeira possibilita saber como a criança vê o mundo e como gostaria que ele fosse, pois na brincadeira expressa seu pensamento, organizando e compreendendo o mundo. Isso ocorre porque a criança cria uma situação imaginária quando brinca sendo que, esta situação imaginária nasce a partir do conhecimento que possui do mundo adulto, mundo onde necessita aprender a viver. Assim, a brincadeira é uma forma de conhecer o mundo físico e social, bem como uma atividade que possibilita a interação com os outros sujeitos.

É através da brincadeira que a criança começa a compreender o funcionamento do mundo. Quando empilha ou encaixa peças, adquire noções espaciais fazendo as primeiras tentativas de organizar o mundo. Ao produzir som, batendo, movimentando objetos, desenvolve conexões corporais e mentais que auxiliarão a andar e se expressar oralmente.

A criança que brinca não está preocupada com os resultados, transforma o objeto pelas brincadeiras e criatividade usando a imaginação. A brincadeira é sem dúvida, uma atividade de grande valor educativo. Winnicott (1995, p. 112) contribui quando diz que “[...] a brincadeira é a prova evidente e constante da capacidade criadora, que quer dizer vivência”.

No contexto escolar, o professor é aquele que cria as situações, que oportuniza que a criança tome suas decisões, crie e recrie uma brincadeira, da forma e do jeito dela. O ambiente pedagógico requer um espaço para a ludicidade, envolvendo o jogo, a brincadeira e o brinquedo.

O professor deverá estar comprometido em garantir tempos e espaços para a brincadeira, para que a criança possa desenvolver a sua autoestima, a imaginação, a confiança, a criatividade, a cooperação, o senso-perceptivo e o relacionamento interpessoal.

Para que o professor desenvolva uma prática coerente com seu espaço pedagógico, deverá estar ciente de seu papel. O professor deve participar das atividades e brincadeiras junto com as crianças. Este mesmo professor pode estar mediando à brincadeira e também fornecendo materiais para que ela possa ser realizada com variedade de objetos. Estes materiais não são necessariamente brinquedos comprados em lojas, formas prontas, mas também sucatas, caixas, botões, figuras, objetos domésticos como vassoura, tampas de painéis, pás, entre outros objetos. Estes materiais podem servir como suporte nos momentos de faz-de-conta.

As crianças, na brincadeira do faz-de-conta, tem a oportunidade de viver outros papéis, de se envolver emocionalmente numa atividade lúdica, de mudar o significado dos objetos reais. Sua imaginação está solta para criar e recriar situações.

De acordo com Oliveira (1992) o professor “pode desempenhar um importante papel no transcorrer das brincadeiras se consegue discernir os movimentos em que deve só observar, em que deve intervir na coordenação de brincadeira ou que deve integrar-se como participante da mesma”.

Estas situações e estes papéis se apresentam como fruto do conhecimento social adquirido pelas crianças e precisam ser considerados no processo de aquisição do conhecimento e do desenvolvimento infantil.

A criança, para Benjamin (1984), imita, incorpora e traduz o realismo do universo adulto para o cenário lúdico infantil, no ato de brincar a criança transforma os conhecimentos que já possui anteriormente em conceitos gerais, com os quais brinca. Seus conhecimentos provêm da imitação de alguém ou de algo conhecido, como uma experiência vivida, de história de um “amigo” ou de um adulto, de cenas assistidas na televisão.

Nesse contexto, durante o processo de aquisição de conhecimento, a criança descobre e renova suas ideias sobre determinados temas ou conteúdos. Muitas vezes, isto tudo acontece durante um jogo, uma brincadeira, ou seja, durante um momento lúdico.

O jogo preserva a presença da imaginação, da fantasia e, principalmente, é fundamental para o desenvolvimento infantil. A brincadeira é uma atividade regida por regras que se fundamentam no mundo adulto, regras culturalmente estabelecidas, regras definidas pelas próprias crianças durante a brincadeira. Através destas regras as crianças compreendem outros comportamentos sociais diferentes daqueles a que está habituada.

Percebe-se que é necessário que a brincadeira seja encarada com seriedade, pois esta tem fundamental importância no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Além disso, a brincadeira contribui na interação do grupo, pois proporciona autonomia, favorecendo o desempenho da criatividade, da comunicação, da liberdade de expressão, no desenvolvimento do raciocínio lógico. É no brincar que a criança vai se desenvolver em todos os aspectos.

De acordo com Kishimoto (1996), as brincadeiras resistem com o passar do tempo, sendo transmitidas de geração para geração, através das tradições culturais. Há registros de brincadeiras infantis que remontam a épocas pré-históricas.

Kishimoto (1998, p. 19) afirma que “o brinquedo propõe um mundo imaginário da criança e do adulto, criador do objeto lúdico”. Pode-se afirmar que a brincadeira não é uma atividade inata, e sim uma atividade social e humana, na qual a criança modifica a realidade por meio de sistemas simbólicos permitindo-a criar, recriar e entender uma relação aberta com o mundo, pois é na brincadeira que a criança se mostra criativa.

Até algum tempo atrás, uma criança brincando era vista como se estivesse num mundo só seu e usava da fantasia para introduzir-se no mundo da realidade. Nas palavras de Walter Benjamin, ao brincar de faz-de-conta, a criança viaja no mundo da imaginação, torna-se novo indivíduo ou cria novos deles, imagina situações inusitadas e encantadoras. “Nesta fase, as crianças demonstram que estão interagindo umas com as outras, construindo e compartilhando significados”. (BENJAMIN, 1984, p.88)

Os escritos benjaminianos registram que ao brincar uma criança transforma objetos em algo que não corresponde ao que é na realidade. Transforma ambientes em lugares específicos e determinados, representa personagens, muitos deles que convive (pai, mãe, avó), representa animais, trata objetos inanimados em animados, entre outras situações que compartilha diariamente.

A criança dá um novo significado aos objetos, um significado que lhe assemelhe à realidade que vive. (BENJAMIN, 1984, p.69). Muitas vezes o significado conferido ao objeto torna-se mais importante que o próprio objeto escolhido pela criança. Por exemplo, quando uma criança bate com os pés no chão e imagina-se cavalgando um cavalo, ele está dando mais importância ao significado que está conferindo a ação do que à própria ação empregada.

Benjamin acreditava que por meio de alguns recursos as crianças tanto retomam no espaço da brincadeira significados já experienciados no seu dia-a-dia, como constroem significados que fazem sentido naquele momento de seu processo de interação.

Alguns recursos como gestos, posturas, voz, palavras associadas aos recursos do ambiente, tais como: sucatas, brinquedos, roupas, embalagens, trazem para o contexto da brincadeira personagens e animais não presentes no ambiente; situações e atividades já vividas por ela ou por outras pessoas do seu meio. (BENJAMIN, 1984, p33).

De acordo com Benjamin (1984), é na brincadeira que os objetos ganham vida, ganham significações. As crianças falam com estes objetos, interagem com eles como se fossem outras crianças. Os significados que assumem os objetos são negociados entre as crianças. Um objeto pode adquirir significados diferentes para crianças diferentes, pois o significado é alterado de acordo com a ação realizada e não conforme a similaridade com outro.

A brincadeira não deve ser entendida apenas como uma repetição puramente motora, mas sim, como uma maneira de recriar aspectos da realidade de maneira a formular as hipóteses da criança. Primeiro a criança imita papéis que ela vê diariamente, mesmo que ainda não compreenda bem estes papéis. Com o tempo vai interiorizando estes papéis, que no início precisam ser imitados, e passa a representá-los de maneira própria inserindo mais características suas na representação. Quando a criança brinca de faz-de-conta, ela imita algumas destas situações percebidas no mundo do adulto.

Na brincadeira de faz-de-conta as crianças expressam, umas para as outras, os diversos significados que tem das coisas e do outro o que proporciona uma diferenciação entre esses significados,

constituindo assim delimitações entre as representações mentais para as quais esses significados apontam.

De acordo com Kishimoto (1997) “brinquedo e brincadeira relacionam-se diretamente com a criança e não se confundem com o jogo”. Seu papel vai além do controle de habilidades. Sua importância é notável já que é partindo destas brincadeiras que a criança constrói seu próprio mundo. Através dos jogos e brincadeiras a criança ativa o domínio da inteligência, contribuindo para a evolução do pensamento e de todas as funções mentais superiores.

Brincar proporciona a criança oportunidade de investigar seu ambiente e tornar-se mais informado sobre si mesma. Mesmo quando muito pequena, brinquedos coloridos pendurados em seu berço promovem o desenvolvimento da audição, tato e visão da criança. Quando brinca a criança depara com problemas como, por exemplo, os cubos não se acomodam todos dentro de uma caixa pequena e precisa encontrar outra maior. O vagão vira quando dobra uma esquina muito ousadamente e deve aprender a fazê-lo mais devagar.

A brincadeira desempenha papel importante no desenvolvimento total da criança, promove crescimento físico, social, mental e emocional. Segundo Vygotsky (apud, VASCONCELOS, 1995, p. 70) “o papel do jogo e da fantasia é essencial para o desenvolvimento humano”.

Brincar não é gastar energia acumuladas das crianças. Quando a criança brinca, todo seu esquema corporal é acionado, suas emoções afloram, sua socialização é mais solicitada e o esquema cognitivo é estimulado. O caráter interdisciplinar da brincadeira é altamente significativo, pois está aliado ao fato da criança ser um todo indivisível. Portanto, o professor deve oportunizar a brincadeira no espaço escolar a fim de desenvolver a criança como um todo.

Segundo Oliveira (1992):

a forma como a criança se apropria (aprende e incorpora) a cultura de seu grupo, modificando suas características psicológicas nesse processo, é como temos enfatizado, pela relação com parceiros mais experientes. Estes realizam junto com as crianças determinadas tarefas em situações cotidianas, como as de alimentação e banho, de brincadeiras e de conversas. (OLIVEIRA, 1992, p.34)

Segundo Brougère (1995, p.77) “na brincadeira, a criança se relaciona com conteúdos culturais que ela reproduz e transforma, dos quais ela se apropria e lhes dá uma significação”.

Nos momentos predominantemente afetivos do desenvolvimento o que está em primeiro plano é a construção do sujeito, que se faz pela interação com os outros sujeitos: naqueles de maior peso cognitivo, e o objeto, a realidade externa, que se modela, a custo da aquisição das técnicas elaboradas pela cultura. Ambos os processos são, por consequente, sociais, embora em sentidos diferentes: no primeiro, social é sinônimo de interpessoal, no segundo é o equivalente de cultural. (WALLON, 1992, p.91).

O professor precisa compreender a criança como um ser integral e o desenvolvimento das brincadeiras como um processo de auto-organização e autocontrole progressivo, levando sempre em conta as experiências anteriores da criança. Na brincadeira a criança pode experimentar tanto as formas estipuladas pela sociedade quanto as variações que ela própria pode escolher. Pode aceitar ou discordar de certas convenções, aprendendo sobre a solução de conflitos a negociação, a lealdade e a cooperação.

É na brincadeira que a criança encontra um espaço fértil para lidar, através da representação, não apenas com a realidade social, mas também com a sua individualidade física, intelectual e emocional em desenvolvimento. Além de ser um espaço de conhecimento sobre o mundo externo, é na atividade lúdica que a criança também pode conviver com os diferentes sentimentos que fazem parte da sua realidade interior.

As brincadeiras permitem à criança realizar ações concretas, reais, relacionadas com sentimentos que, de outro modo, ficariam guardados. Desta forma, pouco a pouco, a criança vai organizando suas relações emocionais, isso vai dando a ela condições para desenvolver relações sociais, aprendendo a se conhecer melhor e a conhecer e aceitar a existência dos outros.

As brincadeiras propiciam a socialização na medida em que permitem a socialização da cultura infantil necessária para que cada um possa se

incorporar a um determinado segmento social. A apropriação da cultura e o mecanismo pelo qual a criança seleciona elementos desta cultura, de imagens traduzindo o universo ambiental. (KISHIMOTO *apud* FANTIN, 2000, p. 75).

Além disso, por meio da brincadeira que a criança pode compreender a cultura e a sociedade em que está inserida. A criança vai então se constituindo enquanto sujeito social pela brincadeira e a interação em um espaço de representação e experimentação que a brincadeira possibilita. Nele a criança entra em contato com a diversidade cultural existente no grupo, resolve conflitos e promove novas formas de ver e pensar o mundo, ampliando seus conceitos.

Vygotsky (*apud*, OLIVEIRA, 1994), afirma que os processos emotivos são plenos de significados e sentidos, não determinados exclusivamente pelo princípio do prazer, mas, sobretudo pelo fato de que o próprio prazer, na infância, muda de posição entre as outras funções psíquicas.

A brincadeira como atividade social específica é vivida pelas crianças tendo por base um sistema de comunicação e interpretação do real, vai sendo negociado pelo grupo de crianças que estão brincando. Mesmo sendo uma situação imaginária, a brincadeira não pode dissociar suas regras da realidade.

Benjamin (1984) defende a ideia de que:

Sem dúvida brincar significa sempre libertação. Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio, mas o adulto, que se vê acusado pro uma realidade ameaçadora, sem perspectivas de solução, liberta-se dos horrores do mundo através da reprodução miniaturizada. A banalização de uma existência insuportável contribui consideravelmente para o crescente interesse que jogos e brinquedos infantis passaram a despertar após o final da guerra. (BENJAMIN, 1984, p. 64).

Por fim, para compreender a natureza das atividades lúdicas, envolvendo os jogos e as brincadeiras, é necessária uma reflexão a cerca

do contexto infantil, das mudanças que foram acontecendo, os vários conceitos de infância que surgiram ao longo dos tempos, a preocupação dos teóricos em estudar e compreender a infância e suas especificidades. Enfim, buscar, pesquisar, inovar, transformar nossos conhecimentos para que tenhamos possibilidades de entender o desenvolvimento das crianças em seus vários aspectos.

4 – A ESCOLA E A PARTICIPAÇÃO DO PROFESSOR NA BRINCADEIRA

A criança aprende o tempo todo, mas não necessariamente aquilo que lhe é ensinado de forma intencional. A relação ensino-aprendizagem nem sempre é linear e direta: nem tudo o que se ensina, se aprende, e às vezes aprendem-se coisas que não se pretendem ensinar e é nas brincadeiras que a criança encontra sentido para sua vida.

Benjamin (1984) considera que os jogos e as brincadeiras humanizam as crianças e possibilitam-lhes, ao seu modo e ao seu tempo, compreender e realizar, com sentido, sua natureza humana, bem como o fato de pertencerem a uma família e a uma sociedade em determinado tempo histórico e cultural. Brincando a criança aprende a transformar situações e significados já conhecidos em elementos novos, desenvolvendo a esfera da fantasia, da criatividade, do faz-de-conta e apropriando-se da realidade que a cerca. Nestas experiências a criança pode construir conhecimentos e esquemas cognitivos.

A intervenção baseada na observação das brincadeiras das crianças, oferecendo-lhes material adequado, assim como um espaço estruturado para brincar, permite o enriquecimento das competências cognitivas, criativas da criança. Cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de forma diversificada para que as crianças possam escolher os temas, papéis, objetos e companheiros com quem queiram brincar.

Vale ressaltar que o professor deve perceber o que é significativo para a criança a partir das brincadeiras e jogos que elas desenvolvem no ambiente escolar. É importante que na sua prática pedagógica o professor crie situações em que as crianças “coloquem em jogo” o que sabem sobre o “conteúdo”, que resolvam situações adversas, impondo sobre estas sua produção e seu pensamento, tomando decisões em função do que se propõem a produzir, pois de acordo com Benjamin (1984, p. 86), a proposta de trabalho do professor deve se aproximar da função do artista, e para que o professor tenha domínio de sua arte necessita de um currículo que possa servir de instrumento, assim como a tela e os pincéis a são para o pintor.

A literatura e as pesquisas na área da educação indicam que as creches, pré-escolas e escolas pouco oferecem parques com diversos brinquedos que servem para as crianças desenvolverem seu lado afetivo, emocional, físico, motor. Com certeza estes espaços poderiam ser lócus

de oportunidades para as crianças ampliarem suas aprendizagens, envolvendo também os elementos que a natureza oferece como árvores, casinhas construídas no espaço externo, cavernas ou até mesmo jardins feitos pelos professores juntamente com as crianças, pois elas conseguem ultrapassar esses ambientes muitas vezes limitados, usando sua criatividade a partir dos objetos que lhes são oferecidos.

De um modo peculiar, os escritos benjaminianos acreditam que pela oportunidade de vivenciar brincadeiras que são criadas por elas mesmas, as crianças podem acionar seus pensamentos para a resolução de problemas que lhe são importantes e significativos. Proporcionando a brincadeira, criando-se um espaço no qual as crianças podem experimentar o mundo e internalizar uma compreensão particular sobre as pessoas, sentimentos e conhecimentos diversificados.

É na interação com as outras pessoas, com outras crianças com as quais convive que a criança se constrói, se desenvolve em todos os aspectos, físico, emocional, cognitivo, motor. Oliveira (2000, p.66) diz que a “perspectiva histórico-cultural considera, portanto, as funções psicológicas como sendo construídas na assimilação da experiência histórico-social, partilhada, ocorrendo por meio de interações que estabelecem entre o indivíduo e seus parceiros sociais”.

Para Vygotsky (1984), a criança estabelece interações com um meio sempre definido com base nas características sociais e culturais e, portanto, repleto e variável em significações nos diferentes contextos em que é verificado. O meio cultural é o mediador no processo de desenvolvimento humano, é o lugar onde as ações do sujeito social encontram sentido e significado.

O meio fornece aos indivíduos os sistemas simbólicos de representação e, por meio deles, o universo de significados que permite construir uma ordenação, uma interpretação dos dados do mundo real. A atividade do sujeito é considerada, pois, não no isolamento das relações do sujeito com os objetivos do mundo físico, mas na interação primordialmente mediada pelos signos linguísticos culturalmente construídos nas interações sociais (VYGOTSKY 1984, p.77).

Assim, o professor, durante a convivência com a criança no momento da brincadeira, deverá estar atento a determinados aspectos da

mesma, fazendo a intervenção necessária. Dessa forma estará ampliando e explorando com a criança outras possibilidades de ir mais adiante com a imaginação, enriquecendo a brincadeira, para tornar-se um espaço de tempo mais duradouro e significativo.

As atividades devem ter o objetivo de formar seres sociais, aptos a construir sua própria escala de valores, oferecendo elementos concretos, que tornem rica a imaginação da criança, cabe ao professor dar condições para que ela se desenvolva, levando a se questionar. (BENJAMIN. 1984, p.77)

Existe uma série de fatores que interferem na qualidade dos jogos e das brincadeiras praticados no espaço escolar. Enriquecer o ambiente permite que a criança enriqueça o jogo, pois a qualidade que a atividade vai ter depende do que é oferecido e, sobretudo, de que forma é mediado. Desta forma não existe educação espontânea e sim a construção de situações educativas por parte do adulto, pois a educação é inseparável da intencionalidade, seja ela explícita ou implícita. É preciso acabar com o mito da “não intervenção”, pois mesmo não propondo nada, se educa e propõe pela ausência, pela falta internacionalizada, porém não revelada, pela negação, que é também uma forma de intervenção.

O professor deve organizar situações de brincadeiras e de aprendizagens que façam com que cada vez mais ela possa ter mais elementos e condições de sentir-se sujeito de sua história. Criando condições onde a criança possa levantar hipóteses sobre o mundo que é simbólico, cultural, social e interativo; utilizar instrumentos e “ajustes” simbólicos que vêm do repertório sociocultural que é circunscrito no grupo, no tempo e no espaço. (BENJAMIN, 1984)

O professor é o mediador entre a criança e o mundo.

Devem ser oferecidas às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e naquelas vindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas por adultos, de maneira integrada nesse processo. Ao educador cabe a tarefa de proporcionar e criar o ambiente que estimule a brincadeira. Nessa brincadeira é que a criança irá colocar seus

desafios e questões além de seu comportamento diário tentando compreender os problemas que lhes são propostos. (BENJAMIN. 1984, p.66).

Propiciar a essa criança em desenvolvimento, situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas, contribuindo para o desenvolvimento das capacidades infantis é uma das funções da creche, pré-escola e escola.

O desenvolvimento integral depende da dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo. Assim, é importante valorizar e tentar compreender as formas de comunicação usadas de formas diferentes em cada faixa etária e tentar responder a elas.

Desde o seu nascimento, a criança está em contato com os outros, o papel do professor é fazer a mediação entre a herança sócio histórica e as crianças. Sabe-se que o conhecimento se dá do plano social para o individual, através da mediação do sujeito que domina e utiliza o objeto do conhecimento. O que ocorre não é uma somatória de tudo o que é adquirido, mas sim, uma interação dialética que se dá entre o ser humano e o meio social e cultural em que ele vive.

Na medida em que avançamos na proposta de ensino, avançamos também na qualidade de ensino, partindo do cotidiano da criança, daquilo que já sabe, ampliando o conhecimento. O papel do professor é fazer a mediação entre a criança e o mundo, promover o seu desenvolvimento de uma maneira de pensar autônoma e transformadora. Para isso, é importante que o professor valorize a realidade dos alunos como ponto de partida para trabalhar conhecimentos que expliquem essa realidade e ao mesmo tempo o mundo. O professor precisa analisar, planejar e avaliar as situações vivenciadas pelo grupo.

Para propor um trabalho enriquecedor e que de fato promova o desenvolvimento da criança, é importante falarmos da formação profissional, pois é essencial nessa busca pelo conhecimento estar aberto e querer saber e aperfeiçoar cada vez mais a prática pedagógica do professor. Se o jogo na Educação Infantil deve ocupar um espaço central, a figura do professor é fundamental criando espaços, oferecendo materiais e partilhando brincadeiras com as crianças.

O conhecimento dá-se a partir de experiências vivenciadas, juntamente com uma boa formação teórica, pedagógica e via corporal (práticas corporais). Podemos retomar nossa própria

infância a cada momento, através de brincadeiras, e ajudar crianças a descobrirem suas verdades, seus temores, suas alegrias, seus gostos, suas vontades e assim vê-las vislumbrar novos horizontes do saber, do sentir e do ser criança". (MUNHOZ, 2003, p.14)

Não é possível conceber a escola apenas como mediadora de conhecimentos, e sim como um lugar de construção coletiva do saber organizado, no qual professores e alunos, a partir de suas experiências, possam criar, ousar, buscar alternativas para suas práticas, ir além do que está proposto, inovar. Quanto ao papel do professor, cabe a ele não só selecionar os materiais, mas também verificar o que de fato as crianças necessitam, enquanto desenvolvimento e aprendizagem.

Neste contexto, o professor faz a mediação entre as atividades e as crianças. Quando necessário precisa interferir na situação vivenciada, sempre procurando envolver o uso de uma grande variedade de materiais, satisfazendo os interesses, preferências das crianças, fazendo ligação entre a escolha dos materiais e as estratégias propostas. É de fundamental importância que o professor organize, envolvendo-se no espaço e ambiente disponível para realizar as atividades sempre observando, registrando e aproveitando as oportunidades que oferecem aprendizagem a criança.

Vale ressaltar que o professor deve perceber o que é significativo para a criança a partir das brincadeiras e jogos que elas desenvolvem no ambiente escolar. Daí a importância da observação, do registro e da reflexão que Freire (1996, p.77) situa como instrumentos fundamentais para a ação pedagógica. É interessante que o professor selecione as brincadeiras que vai realizar com as crianças e que estas estejam relacionadas com os temas que estão sendo desenvolvidas com as demais atividades. Ao elaborar sua proposta para desenvolver o trabalho pedagógico é necessário compreender neste contexto que a brincadeira é também um espaço de investigação e construção de novas aprendizagens. A partir dessas atividades lúdicas, envolvendo todo e qualquer objeto, fazendo com que a criança aprenda a lidar com as diferentes linguagens, com muitos elementos da natureza e também da cultura.

Todo professor necessita de uma vasta formação para compreender a importância da brincadeira na vida das crianças pequenas, pois só assim tem a possibilidade de discutir e refletir sobre os

vários aspectos relacionados às atividades lúdicas e a contribuição que trazem para o desenvolvimento da criança. Resgatar as muitas brincadeiras que foram deixadas de lado é uma forma de reviver, transformar essas ricas possibilidades criadas pelos nossos antepassados e que podem contribuir na vida de muitas crianças, que hoje apenas procuram brincar com objetos fabricados pelas indústrias e não construídos por elas,.

Verifica-se que na maioria das vezes não é planejado nem pensado o espaço para que as brincadeiras aconteçam nas escolas. O que existe geralmente são espaços vazios, pouco estruturados, totalmente descontextualizados da realidade das crianças. Há poucos locais especiais para as práticas educativas, envolvendo jogos e brincadeiras ocorrendo pouca preocupação em se ter uma organização dos brinquedos em função de pouco espaço físico. Quanto às brincadeiras procura-se realizar nos pátios escolares, onde existem mais espaço e as crianças tem mais liberdade para desenvolver as atividades. Nesse sentido, parece que precisamos lutar para garantir tempo e espaços para o brincar nas creches, pré-escolas e escolas. Garantir condições mínimas como parques e brinquedos externos, brinquedos diversos e outros materiais que possam servir de suporte para a brincadeira como tecidos, caixas, entre outros.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando participei de um movimento voluntário em 2011, na Instituição Meio do Candário, no município de São José, me interessei pelo tema da infância e brincadeira no interior da escola. Com o ingresso no curso de Pedagogia pude realizar várias leituras acerca deste tema, o que fez surgir novos questionamentos do conceito de infância, de brincadeira e de como um conceito se relaciona com o outro. Esses questionamentos nortearam minha pesquisa desde o princípio e fez com que eu pesquisasse sempre mais para poder entender o tema.

Neste sentido, este trabalho teve como objetivo compreender a importância do brincar como uma atividade necessária para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil e na escola de Ensino Fundamental, reconhecendo a infância como uma categoria da modernidade. Ao mesmo tempo, problematizei, a partir de alguns autores como Walter Benjamin, a relação entre brincadeira e brinquedo, e o modo como as produções dos adultos para as crianças tem sofrido mudanças com o passar dos tempos.

Para os autores mencionados no decorrer do texto, o brinquedo e a brincadeira assumem um espaço significativo/central no processo de apropriação do conhecimento. Brincar é um modo da criança se comunicar com o mundo e é uma atividade fundamental para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de que a criança desde muito cedo pode se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes tais como atenção, imitação, memória, a imaginação, amadurecer também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.

Ao brincar a criança se desenvolve integralmente, passa a conhecer o mundo em que está inserida. O brincar é elemento fundamental para que a criança se aproprie da cultura e estabeleça troca com os seus pares.

Acredita-se que é preciso assegurar o direito da criança a uma educação que respeite o direito à brincadeira. Nesse sentido, o professor necessita compreender como ocorre o processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil para então pensar e planejar a garantia de tempos e espaços para o brincar na escola.

Por fim, cabe destacar que reconheço as lacunas presentes em minha formação e as fragilidades deste texto e considero esse trabalho como um ponto de partida para outros estudos.

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1984.

BOTO, Carlota. O desencantamento da criança: entre a renascença e o século das luzes. In: REITAS, Marcos C.; KUHLMANN, Moysés (orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

CARVALHO, Diana Carvalho. A psicologia frente à educação e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.7, p. 51-60, jan./jun.2002.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. Questões sobre educação. In: GOULART, C. (Org.). **Dimensões e horizontes da Educação no Brasil**: ensaios em homenagem a Gaudêncio Frigoto, Maria Ciavatta e Osmar Fávero. Rio de Janeiro: EdUFF, 2004.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

KISHIMOTO, T. M. **Diferentes tipos de brinquedoteca**. In: FRIEDMANN, A. et al. O direito de brincar: a brinquedoteca. São Paulo: Scritta, 1995.

KISHIMOTO, T. M.(Org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo, Cortez, 1996.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, jan./jun. 2007. Dossiê Infância, Educação e Escola.

MIRANDA, Marília Gouvêa de. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: LANE, Sílvia; CODO, Wanderley (orgs.). **Psicologia do social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 125-135.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **A creche no Brasil: mapeamento de uma trajetória**. São Paulo: Cortez, 1988.

PIMENTEL, Maria Eliza Chierighini. **O “direito a infância na escola”: o estágio docente como campo de pesquisa**. 2014. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 2012.

QUINTEIRO, J. **Infância e escola: uma relação marcada por preconceitos**. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

VYGOTSKI, L. S. **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais. Tradução: Zoia Prestes. Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social (Programa de Engenharia de Produção da Coppe/UFRJ). p. 23-36, junho de 2008.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Monole, 1992.